

## “A poesia é crucial para a boa formação do estudante”

Atica Net

www.atica.com.br - 30 Julho de 2005

*Ricardo Azevedo, autor de Ninguém sabe o que é um poema, defende a valorização da cultura popular e explica que, por meio da poesia, é possível compreender melhor as contradições da vida.*

Faz tempo que o escritor e ilustrador Ricardo Azevedo ganhou, merecidamente, um espaço privilegiado na literatura infanto-juvenil brasileira. Com muitos livros publicados e vários prêmios obtidos, Azevedo nunca escondeu sua paixão pelas expressões populares da cultura brasileira. Em *Ninguém sabe o que é um poema*, obra recém-lançada pelo autor, estão reunidos poemas com temáticas diversas, repletos de humor, lirismo e reflexão. Nesta entrevista ao *Boletim Ática*, Ricardo Azevedo fala de seu novo livro, de poesia e da aplicação didática da composição poética em sala de aula.

### ***Boletim Ática: Como começou sua relação com a poesia?***

**Ricardo Azevedo:** Minha aproximação com a poesia se deu graças a meu pai. Durante nossa infância – minha e de meus irmãos –, ele tinha o costume de selecionar poemas e fazer gravações caseiras com a gente, num gravadorzinho de rolo. Era muito divertido. Foi assim que tive contato com as trovas populares recolhidas por Afrânio Peixoto; com “I-Juca Pirama” e “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias; com a poesia de Vicente de Carvalho, Castro Alves, Artur Azevedo e vários outros.

Ainda na infância, esse contato se ampliou com a audição de discos dos *Jograis de São Paulo* e de gravações dos próprios poetas, elas estavam na moda naquela época, algo que meu pai adorava ouvir. Meu primeiro encontro com a poesia dos extraordinários Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes deu-se através desses discos. Escutar “José” e “O caso do vestido” na voz do próprio Drummond; ou “Jandira”, de Murilo Mendes, declamado pelos *Jograis*, foi uma experiência inesquecível.

### ***Boletim Ática: Como você observa a aproximação dos leitores brasileiros com esse gênero? A poesia é desprestigiada por aqui?***

**Azevedo:** Se a leitura em nosso país é desprestigiada, não poderia ser diferente com a poesia. As razões são muitas. Vou abordar algumas delas: em primeiro lugar, muitos adultos, inclusive professores, recomendam sua leitura, mas em geral não lêem nem gostam de ler.

Outro ponto: creio que se criou uma cultura de aparências no seio de uma certa elite que adora sentir-se “intelectual”, “cult”, “moderna” e “de vanguarda”. Num país enraizado na cultura oral e popular – desprezada e desconhecida – é comum que essa elite se sinta “superior”, só porque estudou um pouco. Neste contexto, por vezes surge uma literatura elitista, hermética e especializada, escrita para raros iniciados, literatura que afasta o leitor, mesmo aquele de nível universitário mas sem formação em literatura. Impotentes, muitas pessoas chegam à conclusão de que “não têm jeito para a leitura”. Naturalmente, isso tem reflexo negativo se pensarmos no leitor jovem que está se formando.

Um terceiro ponto: somos formados pelo discurso escolarizado, predominante no livro didático. Tal discurso costuma ser utilitário, assertivo e impessoal. Um exemplo: “A água ferve a 100 graus”.

Não ferve nem a 80, nem a 120 mas exclusivamente a 100 graus. Ou seja, por trás desse tipo de discurso, existe a premissa de que as coisas são unívocas. Ou de que cada coisa só pode ser uma única coisa. Pois bem, vamos pegar o caso de Fernandinho Beira-mar. Pelo pensamento lógico-escolarizado, as pessoas ou são uma coisa, ou são outra coisa, ou são mocinhos ou são bandidos, pois a possibilidade de ambigüidade costuma ser descartada. Nesse caso, Fernandinho Beira-mar é naturalmente um bandido. Surgem daí as idéias de pena de morte e outras teses maniqueístas. Acontece que, olhando bem, Fernandinho Beira-mar é sem dúvida um bandido mas, ao mesmo tempo, é uma vítima ou o resultado de uma sociedade de origem escravocrata, socialmente injusta e desigual. Em outras palavras, ele é não uma, mas duas coisas ao mesmo tempo: bandido e vítima. Isso, naturalmente, torna as coisas bem mais complexas. É importante estar preparado para conviver com a ambigüidade e com a contradição. A vida concreta é cheia delas.

Nesse sentido, vejo a poesia como algo crucial para a boa formação do estudante. Por meio dela entramos em contato com o discurso subjetivo e podemos refletir sobre a contradição, o dissenso e a ambigüidade dentro de nós mesmos e no mundo. A poesia é uma forma de interpretar a vida e o mundo a partir da subjetividade e da voz particular e não a partir da objetividade ou da informação.

Em decorrência disso tudo, é comum surgir a seguinte pergunta: “Qual a ‘função’ da poesia?”. Costumo responder contra-atacando: “Qual a ‘função’ da vida? Qual a ‘função’ do ser humano? Qual a ‘função’ da saudade, da empatia ou da amizade?”. Somos levados a inferir, através da lógica mecanicista escolar, que tudo tem uma função – o que me parece um grande equívoco.

Em resumo, num ambiente que valoriza a informação objetiva, o utilitarismo e a impessoalidade, fica difícil falar em arte, ficção e poesia, cujos pontos essenciais são a convivência paradoxal da subjetividade, da objetividade e da ambigüidade. Nesse aspecto aliás, é importante dizer, creio que a arte e a literatura imitam os seres humanos.

### ***Boletim Ática: Que idéias nortearam a edição de Ninguém sabe o que é um poema?***

**Azevedo:** Não houve nenhum plano geral para fazer esse livro. Pretendia escrever textos que dialogassem com o jovem leitor. Para isso, tentei evitar temas egocêntricos ou abstratos demais, ou erudições fora de lugar. Procurei também fugir de uma linguagem experimental ou fragmentada. A grande maioria dos leitores brasileiros, em especial o jovem leitor, não tem intimidade com a leitura, não sabe usar os livros em benefício próprio e até costuma desprezar a leitura, a literatura e a poesia. Entretanto, está apto e teria grande interesse em tornar-se leitor de literatura, se esta fosse apresentada de uma forma menos elitista e excludente.

### ***Boletim Ática: Como se deu a seleção dos poemas?***

**Azevedo:** De forma caótica. O livro tem de tudo: poemas escritos recentemente, textos antigos parcialmente reescritos, poemas criados há mais de 20 anos. Foram vários pontos complicados, e o editor Fabio Weintraub foi importante na discussão dessa seleção. Como determinar se o texto tinha chance de dialogar com o leitor? Como saber se ele era simples ou complexo demais?

Procurei mesclar textos mais diretos e claros, muito próximos das formas literárias populares, com textos um pouco mais abstratos. A tônica geral foi a busca do compartilhamento e da identificação com o leitor.

### ***Boletim Ática: É possível aplicar em sala de aula uma iniciação poética, destinada a crianças e jovens? Do ponto de vista da linguagem poética, essa iniciação seria relevante?***

**Azevedo:** Uma iniciação poética é, a meu ver, claramente possível e deveria partir da poesia popular, mais familiar à maioria dos brasileiros. Temos um riquíssimo acervo de formas literárias populares: quadras, trava-línguas, adivinhas, ditados, contos e a poesia de cordel. Esse acervo poderia servir de iniciação à literatura e ao discurso poético.

Outra fonte poética extraordinária é a nossa música popular. Nenhum aluno brasileiro deveria se formar sem conhecer profundamente as obras de compositores como Chico Buarque, Dorival Caymmi, Caetano Veloso, Noel Rosa, Paulinho da Viola e outros. Depois de conhecê-las, será muito mais fácil para o aluno ler Drummond, Bandeira, João Cabral [de Melo Neto], Murilo Mendes, Ferreira Gullar, Manoel de Barros etc.

Com o cinema ocorre o mesmo. Uma comparação entre os recursos narrativos do cinema e da literatura só ajudaria na compreensão da arte, da literatura, do cinema e da poesia. Só que dentro da atual formação da maioria dos professores, associar programaticamente literatura, música popular e cinema é algo impensável. Não quero aqui, de forma alguma, desvalorizar os professores. Já fui professor regular e até hoje dou cursos de especialização; sou filho de professor e respeito muito essa profissão generosa, civilizadora e importantíssima. É preciso, porém, dar ao professor melhores condições de trabalho e reconhecer a necessidade de sua capacitação e reciclagem constantes.

Uma coisa eu garanto: os alunos, na maioria das vezes, são inteligentes e inventivos. Se costumam sair da escola malformados, a ponto de nem saberem utilizar livros em benefício próprio e serem incapazes de colocar suas idéias no papel com clareza, o problema muitas vezes está no sistema educacional.

Na verdade, professores, alunos e todos nós somos vítimas de um modelo escolar baseado na escola do fim do século XIX, que fugiu das ciências humanas e optou por formar técnicos acríticos, aptos a ocupar postos de trabalho na indústria, em grande desenvolvimento naquela época. O problema é que o tempo passou, estamos no século XXI e as demandas são outras.

### ***Boletim Ática: E os novos projetos?***

**Azevedo:** Tenho vários projetos em andamento e acabo de lançar o livro *Contos de bichos do mato*, pela Ática, com 24 contos populares de bichos recontados por mim. Também ando mexendo no texto da tese que defendi ano passado na USP, “Abençoado e danado do samba”, para tentar uma publicação. Trata-se de uma tentativa de compreender e caracterizar o discurso popular através das letras de samba. Assim que possível, vou à luta atrás de uma editora.